

ARTÍCULOS

**A relação Homem/Técnica e a questão da
“neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica à
luz das contribuições heideggeriana e orteguiana**

*The Man-Technics Relationship and the Question of “Technological
Neutrality”: A Philosophical Critique in Light of Heideggerian and
Orteguian Contributions*

Fecha de envío: 08/08/2026 – Fecha de aceptación: 14/09/2026

Ney Maranhão

Universidade Federal do Pará (Brasil)

ney.maranhao@gmail.com

RESUMEN: Este ensaio empreende uma desconstrução crítica da narrativa da neutralidade tecnológica, recorrendo ao pensamento de Martin Heidegger e José Ortega y Gasset. A concepção comum de que a tecnologia é um conjunto de ferramentas passivas, cujo valor moral depende do uso humano, é aqui questionada como filosoficamente insustentável. A partir da perspectiva ontológica de Martin Heidegger, demonstra-se que a essência da técnica moderna (*Gestell*) não é meramente instrumental, mas um modo impositivo de “desencobrimento” que enquadra a realidade como um “fundo de reserva” disponível para cálculo e otimização, moldando ativamente a percepção e a existência. Em paralelo, a análise antropológica de José Ortega y Gasset revela a técnica como dimensão constitutiva do ser humano, inseparável de um “projeto vital” e de uma concepção de bem-estar. Sendo uma expressão da

A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica
à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana

busca humana por uma vida boa, a técnica é, por natureza, intrinsecamente carregada de valores e propósitos. Embora partindo de horizontes distintos, ambos os pensadores convergem ao evidenciar que a tecnologia é uma força ativa que conforma a realidade, a subjetividade e os horizontes de possibilidade. A conclusão fundamental é que abandonar o mito da neutralidade é um passo indispensável para uma reflexão ética e responsável sobre os rumos de nossa civilização digital.

PALABRAS CLAVE: filosofia da tecnologia, neutralidade tecnológica, técnica, Martin Heidegger, José Ortega y Gasset

ABSTRACT: This essay undertakes a critical deconstruction of the narrative of technological neutrality, drawing on the thought of Martin Heidegger and José Ortega y Gasset. The common conception of technology as a set of passive tools, whose moral value depends on human use, is challenged here as philosophically untenable. From Martin Heidegger's ontological perspective, it is demonstrated that the essence of modern technology (*Gestell*) is not merely instrumental, but an imposing mode of "unveiling" that frames reality as a "standing-reserve" available for calculation and optimization, actively shaping perception and existence. In parallel, José Ortega y Gasset's anthropological analysis reveals technics as a constitutive dimension of the human being, inseparable from a "vital project" and a conception of well-being. As an expression of the human pursuit of a good life, technics is, by nature, intrinsically laden with values and purposes. Although starting from different horizons, both thinkers converge in showing that technology is an active force that shapes reality, subjectivity, and the horizons of possibility. The fundamental conclusion is that abandoning the myth of neutrality is an indispensable step towards an ethical and responsible reflection on the direction of our digital civilization.

KEYWORDS: philosophy of technology, technological neutrality, technics, Martin Heidegger, José Ortega y Gasset

“Homem, técnica e bem-estar são, em última instância, sinônimos” – Ortega y Gasset¹

1. Introdução²

A onipresença da técnica na vida contemporânea tornou-se um truísmo indisputável, moldando desde as mais triviais interações cotidianas até as complexas estruturas sociais e econômicas que nos governam. Imersos nesse denso ecossistema tecnológico, é comum que prevaleça no imaginário coletivo – e mesmo em discursos institucionais – a narrativa de que a tecnologia constitui um domínio de neutralidade axiológica – um conjunto de ferramentas e instrumentos passivos, cujo valor moral dependeria exclusivamente dos fins que a vontade humana lhes atribui. Essa concepção puramente instrumental, contudo, revela-se filosoficamente frágil e perigosamente simplificadora, obscurecendo o fato de que a técnica, sobretudo quando materializada nas recentes tecnologias digitais, longe de ser um mero meio, constitui-se em força ativa que conforma a própria percepção da realidade, os horizontes de possibilidade e a essência da condição humana.

Este ensaio propõe-se a desconstruir criticamente a persistente narrativa da neutralidade tecnológica, empreendendo uma investigação filosófica que mergulha nas raízes da complexa relação entre o homem e a técnica. Para tanto, recorre-se ao pensamento seminal de dois dos mais influentes pensadores do século XX que se debruçaram sobre o tema: Martin Heidegger e José Ortega y Gasset. Embora partindo de perspectivas distintas – Heidegger de uma radical investigação ontológica e Ortega y Gasset de uma refinada análise antropológica –, ambos convergem ao rechaçar a redução da técnica a um simples artefato neutro, oferecendo, em contrapartida, um arcabouço conceitual robusto para desvelar seu caráter intrinsecamente valorativo e sua profunda influência na existência.

Ao explorar a concepção heideggeriana da técnica moderna como um modo impositivo de “desencobrimento” do real (*Gestell*) e a visão orteguiana da técnica

¹ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 22.

² Adaptação do 4º capítulo da obra: MARANHÃO, Ney. Neutralidade tecnológica e plataformas digitais de trabalho: uma investigação filosófica. Brasília, DF: Editora Venturoli, 2025.

A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana como expressão inseparável de um “projeto vital” humano, buscar-se-á demonstrar que toda tecnologia carrega em seu *design* e em sua própria essência um conjunto de valores, finalidades e visões de mundo. O objetivo, portanto, não é apenas refutar uma ideia corrente, mas, sobretudo, oferecer subsídios para uma compreensão mais profunda e responsável do fenômeno técnico, habilitando-nos a pensar criticamente os rumos que a nossa civilização, cada vez mais tecnificada, tem assumido.

2. A técnica em Martin Heidegger

Martin Heidegger (1889–1976) é um excelente ponto de partida para nossa jornada filosófica: viveu grande parte do século XX e experienciou todos os dramas relacionados às grandes guerras e à constante ameaça do conflito atômico. Em seu ensaio “A questão da técnica” (1953), o filósofo alemão deixou consignado grande parte de seu pensamento a respeito da relação entre técnica e ser humano.

Filosoficamente, Heidegger se preocupa sobretudo com a questão do *Ser*³. Por isso, não gera espanto que sua primeira lição seja distinguir a técnica (instrumento) da essência da técnica, afirmando, de saída, que a essência da técnica não é algo técnico⁴.

Com essa provocativa afirmação, o filósofo alemão pretende mostrar que, para compreender verdadeiramente o fenômeno da técnica, não basta encará-lo como simples instrumento para certos fins ou um mero fazer do homem. A técnica, segundo

³ “Heidegger pensava que a atividade dos filósofos tem por intuito *redescobrir* o significado do Ser, uma herança antigamente possuída (segundo ele pensava) pela filosofia grega” (CHAMPLIN, Russel Norman. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Vol. 2. São Paulo: Hagnos, 1991, p. 768). Para mais detalhes, confira-se: HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 37; FRAME, John. História da filosofia e teologia ocidental. São Paulo: Vida Nova, 2023, p. 499; STÖRIG, Hans Joachim. História geral da filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 523; VERKERK, Maarten J.; HOOGLAND, Jan; VAN DER STOEP, Jan; DE VRIES, Marc J. Filosofia da tecnologia: uma introdução. Viçosa, MG: Ultimato, 2018, p. 254–257.

⁴ HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências. 8. ed. Coleção Pensamento Humano. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 11.

ele, constitui antes um modo específico de “desencobrimento” do ser, uma maneira peculiar pela qual o real se apresenta ao homem⁵.

Trata-se de uma abordagem que enxerga a técnica “como um modo de aparecer fenomenológico da verdade: como o descobrir-se ou dar-se a ver do ser, em forma de obra ou de palavra” ⁶. Nas palavras do próprio filósofo:

O que a essência da técnica tem a ver com desencobrimento? Resposta: tudo. Pois é no desencobrimento que se funda toda a pro-dução. (...) À esfera da causalidade pertencem meio e fim, pertence a instrumentalidade. Esta vale como o traço fundante da técnica. (...) A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desencobrimento, isto é, da verdade⁷.

Logo, na perspectiva heideggeriana, a essência da técnica não reside propriamente nos instrumentos ou artefatos tecnológicos, mas em um modo fundamental de desvelamento do ser. Para o filósofo alemão, a técnica constitui uma forma específica pela qual o oculto é chamado a mostrar-se, a fazer-se presente.

Não se trata, pois, de uma mera atividade instrumental humana, senão que uma modalidade de verdade (*aletheia*), pela qual aquilo que não emerge espontaneamente por si mesmo é convocado a des-encobrir-se. A técnica, assim, revela-se como um modo de *desvelamento*, uma forma de *desencobrimento*, ou seja, uma maneira particular de trazer à luz o que antes estava velado⁸.

⁵ “‘Essência’ é expressão que, no jargão do filósofo, simplificando, significa ‘sentido historial’, isto é, movimento histórico e poietico do ser em meio à metafísica” (RÜDIGER, Francisco. Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 122).

⁶ DUARTE-BORGES, Irene. Martin Heidegger: a técnica como *Ge-stell*. De facto antropológico a paradigma epocal da modernidade tardia. // OLIVEIRA, Joelson. Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas. Caxias do Sul, RS: Educus, 2020, p. 168.

⁷ HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências. 8. ed. Coleção Pensamento Humano. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 17.

⁸ Esse raciocínio é próprio da prática filosófica fenomenológica, da qual Heidegger é legatário: focar não o objeto que vejo, mas o que vejo do objeto. Confira-se uma explicação didática: “Em vez de pedirem para descrever o que você vê, os ‘objetos’ de sua experiência visual, suponha que tivessem pedido a você para descrever seu *ver* dos objetos. Aqui, estão pedindo a você para deslocar sua atenção dos objetos que você vê para sua experiência visual dessas coisas (...). Que haja descrições

A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana

Para justificar seu pensamento, Heidegger remonta à teoria aristotélica das quatro causas (material, formal, eficiente e final), reinterpretada à luz do sentido grego original de “causa” como “corresponsabilidade” e “apresentação”. Nessa esteira, causas não seriam propriamente “razões” determinantes de algo, mas elementos cúmplices uns dos outros no processo de fazer vir à presença o que antes estava ausente.

Dessa maneira, a *technè* configura-se como saber que possibilita esse processo de produção mediante o qual algo é trazido do não-ser ao ser, do velamento ao desvelamento, numa dinâmica que põe em jogo não apenas o fazer humano, mas também – e principalmente – o próprio modo como o ser se dá a conhecer e onde acontece verdade⁹.

Em particular, a reflexão de Martin Heidegger sobre a técnica adverte quanto ao risco de nos contentarmos com uma compreensão meramente instrumental ou antropológica desse fenômeno. Segundo o filósofo, embora não seja propriamente incorreta, a visão da técnica como meio para fins humanos ou como obra do homem não alcança sua essência. Nunca compreenderemos essa essência se nosso esforço intelectual for canalizado tão-somente para o âmbito do agir e do pensar técnicos¹⁰. É que, para Heidegger, há uma crucial diferença entre aquilo que é meramente correto e aquilo que é verdadeiro. O correto capta apenas o aspecto mais imediato e superficial de um fenômeno, como ocorre ao se definir a técnica simplesmente como instrumento à disposição da vontade humana. O verdadeiro, por sua vez, desvela a

que se apliquem à experiência visual sem necessariamente se aplicarem aos objetos dessa experiência ajuda a tornar vívida a distinção que estamos tentando divisar entre o que vemos e nosso ver das coisas. Concentrarmo-nos no último, i. e., focar nossa atenção não tanto no que experienciamos lá fora no mundo, mas na nossa experiência do mundo, é dar o primeiro passo na prática da fenomenologia. A palavra ‘fenomenologia’ significa ‘o estudo dos fenômenos’, onde a noção de um fenômeno e a noção de experiência, de um modo geral, coincidem. Portanto, prestara atenção à experiência em vez de àquilo que é experienciado é prestar atenção aos fenômenos” (CERBONE, David R. Fenomenologia. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014, p. 13). Ainda para uma introdução à fenomenologia, veja-se: DARTIGUES, André. O que é a fenomenologia? Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

⁹ HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências. 8. ed. Coleção Pensamento Humano. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 13-18.

¹⁰ CUPANI, Alberto. Filosofia da tecnologia: um convite. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017, p. 40.

essência mesma do fenômeno em questão, revelando seu modo próprio de ser e sua relação fundamental com o homem¹¹.

Logo, para Heidegger, compreender a técnica vai muito além de encará-la como mero conjunto de instrumentos ou meios para alcançar determinados fins. Em sua visão filosófica, a essência da técnica representa um modo particular pelo qual a realidade se manifesta e se torna compreensível ao homem (“desencobrimento” do ser).

Assim, longe de constituir apenas ferramenta neutra à disposição humana, a técnica configura-se como fenômeno mais abrangente, intimamente relacionado com a própria maneira pela qual acessamos e compreendemos a verdade do mundo ao nosso redor. Esta perspectiva de Heidegger nos convida a refletir sobre como a técnica não apenas nos serve como ferramenta, mas fundamentalmente molda nossa forma de ver, entender e interagir com a realidade. Trata-se, pois, de algo bem mais profundo¹².

Todavia, Heidegger distingue a técnica antiga da técnica moderna. A primeira, exemplificada pelo trabalho do artesão, caracterizava-se como um “trazer à luz” que respeitava a natureza própria das coisas. Já a técnica moderna representa algo radicalmente distinto: um desencobrimento provocante que “desafia” a natureza, intimando-a a fornecer energia que possa ser extraída e armazenada enquanto tal. O filósofo denomina “*Gestell*” (“armação”, “composição” ou “enquadramento”) essa essência da técnica moderna. Trata-se de um modo de desencobrimento que reduz tudo (“enquadra”) à condição de “fundo de reserva” ou “disponibilidade” (“Bestand”),

¹¹ “... o simplesmente correto ainda não é o verdadeiro. E somente este nos leva a uma atitude livre com aquilo que, a partir de sua própria essência, nos concerne. Embora correta, a determinação instrumental da técnica não nos mostra a sua essência. Para chegarmos à essência ou ao menos à sua vizinhança, temos de procurar o verdadeiro através e por dentro do correto” (HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências. 8. ed. Coleção Pensamento Humano. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 13).

¹² “Uma coisa é habitar o mundo antes de se controlar o fogo, antes da escrita, antes das redes sociais digitais; outra coisa é habitá-lo depois de cada um desses eventos” (AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. Pensando a tecnologia: questões filosóficas, sociológicas e comunicacionais. São Paulo: Paulus, 2023, p. 11).

A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana
isto é, um “apelo de exploração” que compreende a totalidade do real como estoque disponível para uso, cálculo e otimização¹³.

Esse conceito reflete a maneira como o mundo é revelado ao ser humano na modernidade: um processo de objetificação que transforma tudo em recurso destinado à satisfação de suas vontades, necessidades e desejos¹⁴, encarando-se a natureza como puro “reservatório das reservas de energia” e simples “sistema operativo e calculável de forças”¹⁵.

Pela exposição profunda e assaz esclarecedora, calha trazer a lume as lições que seguem, lavradas por um seletto grupo de professores holandeses, *in verbis*:

Heidegger considera o tema da tecnologia como uma busca pela *essência* (*Wesen*) da tecnologia. Essa essência deveria ser buscada no modo como nos lançamos ao encontro da natureza. A tecnologia é uma forma de ‘desvelamento’. Na tecnologia moderna, esse ‘desvelamento’ não é o clássico trazer-à-frente (*Hervorbringen*) no sentido de *poiésis* (a palavra grega antiga para ‘fazer’ ou ‘criar’), mas um compelir-à-frente (*Herausfordern*). Portanto, o desvelamento da tecnologia moderna é mais violento: o mundo é abordado da maneira que o home escolhe. Consequentemente, a tecnologia moderna não é um simples *imput* racional de meios para se alcançar objetivo específicos, mas um modo de compelir-à-frente seres em um contexto tecnologicamente determinado. Os seres humanos não podem escolher livremente seu lugar nisso, mas eles mesmos são controlados por esse modo de abordar a realidade. (...) Os seres humanos modernos foram sentenciados a uma maneira tecnológica de lidar com os seres. Na verdade, o *Gestell* foi introduzido pelos seres humanos, mas eles não estão mais livres dele. Por conseguinte, o *Gestell* tornou-se *Geschick* (Destino)¹⁶.

¹³ HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências. 8. ed. Coleção Pensamento Humano. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 18-26.

¹⁴ DUARTE-BORGES, Irene. Martin Heidegger: a técnica como *Ge-stell*. De facto antropológico a paradigma epocal da modernidade tardia. // OLIVEIRA, Joelson. Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas. Caxias do Sul, RS: Educs, 2020, p. 166.

¹⁵ HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências. 8. ed. Coleção Pensamento Humano. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 24.

¹⁶ VERKERK, Maarten J.; HOOGLAND, Jan; VAN DER STOEP, Jan; DE VRIES, Marc J. Filosofia da tecnologia: uma introdução. Viçosa, MG: Ultimato, 2018, p. 256.

Sob o domínio da “*Gestell*”, o afamado filósofo alemão também adverte que essa racionalidade instrumental, ao transformar tudo em recurso disponível, ameaça a própria essência do humano. O rio deixa de ser rio para tornar-se fonte de energia hidrelétrica; a floresta deixa de ser floresta para virar estoque de madeira; mas, igualmente, o trabalhador deixa de ser pessoa para converter-se em “recurso” humano.

A sagacidade de C. S. Lewis também aqui se aplica: “o homem é ao mesmo tempo o general que triunfa e o escravo que segue o carro dos vencedores”¹⁷. No particular, ressoa bastante elucidativa a lição de Carlos Eduardo Souza Aguiar, *ipsis litteris*:

A técnica tradicional não força a natureza, não é uma exploração; servia para obter da natureza tudo o que era exigido em vista da satisfação humana. A natureza mantinha seu caráter imutável, o que garantia ao homem sua persistência. Nenhum meio técnico podia colocar em risco esse equilíbrio. Já a tecnologia moderna força natureza a falar a linguagem do cálculo, transformando os recursos naturais em energia que é armazenada, distribuída e consumida. O que interessa à técnica moderna não é especificamente o despregamento da potência da natureza, mas a posse e a acumulação dessa potência. Eis a diferença, em essência, entre o moinho que recebe água do rio e gira de acordo com o ritmo dessa água, e a usina, que cerca o rio e o constrange a fornecer uma certa quantidade de energia. Essa essência da técnica moderna reside naquilo que Heidegger chamou de armação (Ge-Stell), que pode ser entendida como aquilo que impõe e provoca a realidade, revelando-a como fonte de energia. O mundo é o depósito, o fundo, o estoque que esconde e apresenta possibilidades para a afirmação da vontade mediante a transformação (...). É a armação que convoca o homem a chamar o que existe – inclusive ele – como algo meramente disponível. (...) As pessoas são reduzidas a recursos humanos¹⁸.

Logo, a técnica moderna não é algo que o homem simplesmente utiliza como um ferramental neutro. Ela possui um “poder ontológico”, ou seja, está enraizada na própria essência do ser, de forma mais profunda do que a vontade ou a capacidade

¹⁷ LEWIS, C. S. A abolição do homem. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 56.

¹⁸ AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. Pensando a tecnologia: questões filosóficas, sociológicas e comunicacionais. São Paulo: Paulus, 2023, p. 52-53.

A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana humana¹⁹. Isso significa que a técnica não é apenas uma ferramenta subordinada aos desejos humanos, mas algo que molda e determina o próprio modo como o ser humano se relaciona com o mundo e consigo mesmo.

Aqui, não deixemos escapar a sutileza dessa relevante pontuação heideggeriana, invertendo a relação tradicional entre ciência e técnica. Deveras, para compreender o núcleo de seu ponto de reflexão, devemos transcender a aparência das coisas, sinalizadora de que a técnica seguiria as ciências exatas da natureza. Na realidade, dar-se-ia precisamente o oposto: “é a aplicação técnica que reforça um determinado aspecto destas ciências naturais”, ou seja, “quando a ciência trabalha, tem já em vista as aplicações técnicas”²⁰.

Assim, nessa perspectiva reflexiva, pelo menos no âmbito da realidade moderna, a técnica deixa de ser apenas “o momento de aplicação, o momento ‘econômico’ da atividade teórica”²¹. Daí a arguta advertência de Heidegger, no sentido de que:

A física moderna não é experimental por usar, nas investigações da natureza, aparelhos e ferramentas. Ao contrário: porque, já na condição de pura teoria, a física leva a natureza a expor-se como um sistema de forças que se pode operar previamente, é que se dispõe do experimento para testar se a natureza confirma tal condição e o modo em que o faz²².

Eis o porquê de Heidegger sugerir que o verdadeiro perigo da técnica não está propriamente na miríade de aparelhos e utensílios que suscita, tampouco nos numerosos impactos externos que engendra (ambientais, econômicos, laborais, culturais ou sociais), mas, sim, em sua insidiosa capacidade de moldar a própria essência do ser humano e determinar sua forma de se relacionar com o mundo.

É que a “técnica”, nessa perspectiva, agiria de forma quase invisível, a nível pré-teórico, transformando valores, subjetividades e modos de vida, de maneira que sua

¹⁹ DUARTE-BORGES, Irene. Martin Heidegger: a técnica como *Ge-stell*. De facto antropológico a paradigma epocal da modernidade tardia. // OLIVEIRA, Joelson. Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas. Caxias do Sul, RS: Educs, 2020, p. 166.

²⁰ CAVALLIER, François. Será que dominamos a técnica? In: As grandes noções da filosofia (autores vários). Lisboa: Instituto Piaget, 2002, p. 1.086.

²¹ MIGUEL REALE. Filosofia do direito. 20. ed. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 382.

²² HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências. 8. ed. Coleção Pensamento Humano. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 24-25.

imposição se torna naturalizada e incontestável²³. Nessa ordem de ideias, “o próprio homem é desafiado a desafiar a natureza”, engajando-se em uma espécie de “convocação”, atendendo a “um desafio ainda mais originário que aquele que ele endereça à Natureza”²⁴.

O perigo, pois, não estaria propriamente nos artefatos tecnológicos em si, mas na essência da técnica moderna que, ao impor sua racionalidade calculadora e coisificante, obscurece outros modos possíveis de desvelamento do ser, afirmando-se como o único modo de revelação do real e obliterando formas mais originárias de verdade – como a arte, a poesia, a religião ou o pensamento meditativo²⁵.

O ponto nevralgico, portanto, não está em travar uma batalha figadal contra a tecnologia em si. A questão é “a falta de reflexão, ao não permitir uma relação livre com as técnicas, que nos escraviza”²⁶. A respeito, noutra ocasião, o filósofo alemão expressou-se de maneira mais clara e assertiva, *in verbis*:

Para todos nós os equipamentos, aparelhos e máquinas do mundo técnico são hoje imprescindíveis, para uns em maior e para outros em menor grau. Seria insensato investir às cegas contra o mundo técnico. Seria ter vistas curtas querer condenar o mundo técnico como uma obra do diabo. Estamos dependentes dos objectos técnicos que até nos desafiam a um sempre

²³ “A técnica, em si, é uma forma de abertura do ser no mundo. Não é boa, nem má. Há técnica. Ela tem o vigor do que transcende as meras forças humanas, que colaboram para abri-la enquanto é possibilidade. Mas a unilateralidade da sua dinâmica, inibidora de outras possibilidades de compreensão e realização, transformam-na no que poderíamos considerar (...) num paradigma cultural dominante na nossa época, dentro do qual tudo encaixa e funciona, excluindo e rejeitando como inválido tudo o que seja externo à norma e ao sistema” (DUARTE-BORGES, Irene. Martin Heidegger: a técnica como *Ge-stell*. De facto antropológico a paradigma epocal da modernidade tardia. // OLIVEIRA, Joelson. Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas. Caxias do Sul, RS: Educ, 2020, p. 166).

²⁴ CUPANI, Alberto. Filosofia da tecnologia: um convite. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017, p. 43.

²⁵ HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências. 8. ed. Coleção Pensamento Humano. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 36-37; DUARTE-BORGES, Irene. Martin Heidegger: a técnica como *Ge-stell*. De facto antropológico a paradigma epocal da modernidade tardia. // OLIVEIRA, Joelson. Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas. Caxias do Sul, RS: Educ, 2020, p. 168.

²⁶ AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. Pensando a tecnologia: questões filosóficas, sociológicas e comunicacionais. São Paulo: Paulus, 2023, p. 10.

A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica
à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana

crescente aperfeiçoamento. Contudo, sem nos darmos conta, estamos de tal modo apegados aos objectos técnicos que nos tomamos seus escravos. Porém, também podemos proceder de outro modo. Podemos utilizar os objectos técnicos e, no entanto, ao utilizá-los normalmente, permanecer ao mesmo tempo livres deles, de tal modo que os possamos a qualquer momento largar. Podemos utilizar os objectos técnicos tal como eles têm de ser utilizados. Mas podemos, simultaneamente, deixar esses objectos repousar em si mesmos como algo que não interessa àquilo que temos de mais íntimo e de mais próprio. Podemos dizer «sim» à utilização inevitável dos objectos técnicos e podemos ao mesmo tempo dizer «não», impedindo que nos absorvam e, desse modo, verguem, confundam e, por fim, esgotem a nossa natureza (Wesen)²⁷.

Heidegger, porém, tangente à questão da técnica, não pode ser considerado um pessimista, embora chame a atenção para a necessidade de compreender sua essência e seus perigos. Ele nos desafia a perceber que a técnica não é apenas um meio para fins humanos ou uma singela força criativa de perfil neutro, mas, sim, algo que influencia na forma como percebemos e existimos no mundo.

Para o filósofo alemão, entender a essência da técnica é o primeiro passo para recuperar uma relação mais autêntica com o ser e com a natureza, abrindo um caminho para a liberdade. Heidegger invoca o poeta Hölderlin: “Ora, onde mora o perigo é lá que também cresce o que salva”, injetando no verbo “salvar” o sentido de “chegar à essência, a fim de fazê-la aparecer em seu próprio brilho”²⁸.

Assim, “o homem se liberta frente à técnica quando penetra em sua essência, quando reflete sobre ela. E é a própria ausência de pensamento o grande perigo”²⁹. Desse modo, cumpre-nos abandonar a visão instrumental e antropológica da técnica, tendo-a simplesmente como meio para fins e materialização do fazer humano; não

²⁷ HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, p. 29.

²⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. 8. ed. Coleção Pensamento Humano. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 31.

²⁹ AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. *Pensando a tecnologia: questões filosóficas, sociológicas e comunicacionais*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 54.

propriamente porque essa visão esteja errada, mas porque – como ensina Heidegger – não exprime a verdade sobre a técnica³⁰.

Como se vê, o pensamento heideggeriano quanto à técnica revela-se de notável profundidade e atualidade³¹. Sua análise da *Gestell* como modo de desencobrimento que reduz tudo a fundo de reserva calculável encontra impressionante confirmação na atual sociedade digital, onde dados pessoais, relações sociais e mesmo emoções tornam-se “recursos” a serem minerados e otimizados por algoritmos.

Igualmente atual é seu alerta sobre o risco de a técnica tornar-se modo único de revelação do real, obliterando outras formas de verdade e empobrecendo o quadro de opções para uma vivência humana significativa. Não menos relevante é sua aguda percepção de que a técnica moderna não mais se apresenta como mero provedor de instrumentos à disposição do homem, senão que se impõe como paradigma cultural dominante, algo como uma específica e totalizante forma de compreender, habitar e transformar o mundo.

Com efeito, para além de seu caráter ferramental, a técnica moderna parece exprimir genuína “cosmovisão” que, ao reduzir tudo à calculabilidade e à busca incessante por eficiência, termina por enformar de modo asfixiante nossa própria maneira de pensar e existir, invisibilizando outras possibilidades de revelação do ser e obstando alternativas mais humanizantes de estar-no-mundo, não hesitando “em subordinar às exigências do aparato técnico as próprias demandas do homem”³².

³⁰ AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. Pensando a tecnologia: questões filosóficas, sociológicas e comunicacionais. São Paulo: Paulus, 2023, p. 10.

³¹ Recorde-se que o filósofo americano Hubert Dreyfus há muito já argumentava que a filosofia de Martin Heidegger poderia servir de excelente base teórica para fazer críticas aos rumos da tecnologia na contemporaneidade – mais precisamente, quanto a se conceber *inteligência* como decomponível em um sistema de regras ou algoritmos executáveis por um programa de computador. De fato, “Dreyfus argumenta que a fenomenologia de Heidegger revela que nossa compreensão cotidiana é um âmbito de *know-how* predominantemente não discursivo, que não pode ser reconstruído como uma série de proposições ou representações na mente do agente que entende” (CERBONE, David R. Fenomenologia. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014, p. 78). Essa famosa crítica está estampada na seguinte obra: DREYFUS, Hubert. O que os computadores não podem fazer: uma crítica da razão artificial. Rio de Janeiro: A Casa do Livro Eldorado, 1976.

³² GALIMBERTI, Umberto. Psiche e Techne: o homem na idade da técnica. São Paulo: Paulus, 2006, p. 11.

A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana

Heidegger, enfim, oferece importantes subsídios para pensarmos criticamente nossa relação com a técnica moderna, sem cair seja na condenação simplista, seja no otimismo ingênuo, no tocante ao fenômeno técnico. Sua busca por uma “serenidade” face à técnica (ao mesmo tempo, dizer-lhe “sim” e “não”) permanece como desafio nuclear para o homem contemporâneo.

3. A técnica em Ortega y Gasset

Para nossa empreitada reflexiva, as lições de José Ortega y Gasset (1883-1955) também se mostram particularmente valiosas. Em sua multicitada “Meditação da Técnica” (1939), escrito visionário no âmbito da filosofia da tecnologia, o destacado filósofo espanhol oferece importantes elementos para se compreender a impossibilidade de conceber a tecnologia como realidade puramente neutra.

A começar por suas bases de pensamento, também influenciadas pela fenomenologia, em particular o seu “raciovitalismo”, ou seja, “a convicção de que a razão, sem prejuízo de sua objetividade, responde às necessidades vitais. Para Ortega y Gasset, necessidades humanas objetivas (como se alimentar ou defender-se) são funções de uma necessidade originária: a necessidade de *viver*”³³.

A vida, pois, é a realidade humana primeira e fundamental – não a vida biológica, mas o contexto existencial em que os seres humanos vivem, agem, pensam e se relacionam. Daí sua famosíssima frase: “eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo, não me salvo eu”³⁴.

Já por isso, para começar, a técnica, para o filósofo em estudo, não é uma ameaça à humanidade; antes, precisamente aquilo que permite ao homem ser verdadeiramente humano. Em sua perspectiva, a técnica é sempre um esforço para transcender as limitações naturalmente dadas, permitindo ao homem não apenas viver, mas viver bem, realizando seu ser autêntico.

Para ele, a técnica constitui elemento integrante do drama humano de ter que realizar-se como projeto em meio às circunstâncias que o cercam. Logo, não é algo

³³ CUPANI, Alberto. Filosofia da tecnologia: um convite. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017, p. 31.

³⁴ ORTEGA Y GASSET, José. Meditações do Quixote. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019, p. 32.

exterior ao homem, mas dimensão constitutiva de seu ser e componente intrínseco à sua realidade, de modo que, em suas palavras, “um homem sem técnica (...) não é um homem”³⁵.

A propósito, para Ortega y Gasset, filosoficamente, a própria existência humana configura-se quase que como um problema de natureza técnica (engenharia)³⁶, dado que o homem é, em sua essência mais profunda, um ser técnico. Esta caracterização do humano como ser técnico ecoa a interessante antropologia filosófica do pensador espanhol, denominada pelo próprio de “subsolo da técnica”³⁷.

Segundo Ortega y Gasset, a técnica não consiste simplesmente em adaptar o sujeito ao meio, mas, pelo contrário, em adaptar o meio ao sujeito. Há, pois, uma inversão fundamental aqui: enquanto o animal se adapta ao entorno, o homem adapta o entorno a si³⁸. Daí que técnica, pois, para o filósofo, é “a reforma que o homem impõe à natureza em vista da satisfação de suas necessidades”, levando-o a “criar entre esta e o homem uma nova natureza posta sobre aquela, uma sobrenatureza”³⁹.

Ortega y Gasset sugere ainda uma relação sinérgica e harmoniosa entre técnica e natureza, de tal forma que “a técnica foi sempre um instrumento de disciplina e de educação”, não só porque a ferramenta o capacitou a modificar o ambiente, mas também “porque, ao mesmo tempo, fez-lhe reconhecer os limites de suas capacidades”. Por exemplo, aguçou seus olhos, apurou suas habilidades e ensinou respeito à natureza do material com o qual se estava trabalhando. Assim, “longe está a técnica, portanto, de ser uma violência contra a natureza”⁴⁰.

Essa adaptação do meio pelo homem, contudo, não se dá de maneira aleatória. Para Ortega y Gasset, a técnica está intimamente ligada ao projeto vital do homem, à sua concepção de bem-estar. O homem não se contenta em simplesmente “estar no mundo”; ele deseja “estar bem”. E esse bem-estar não se confunde com as meras necessidades biológicas.

³⁵ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 18.

³⁶ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 51.

³⁷ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, capítulo IV, p. 35-42.

³⁸ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 10-11 e 17.

³⁹ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 14.

⁴⁰ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 34-35.

A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana

Como destaca o filósofo, “para o homem só é necessário o objetivamente supérfluo”⁴¹. Ou seja: o ser humano transcende o meramente natural, criando para si necessidades outras, não raro “supérfluas” do ponto de vista orgânico, mas essenciais para si, do ponto de vista existencial. Daí arrematar: “o homem é um animal para o qual somente o supérfluo é necessário”, donde a técnica “é a produção do supérfluo: hoje e na época paleolítica”⁴².

Veja-se que, no âmago da reflexão orteguiana sobre a técnica, encontra-se uma profunda compreensão da singularidade do ser humano em face dos demais seres vivos: enquanto os animais contentam-se em simplesmente existir, adequando-se passivamente às condições naturais que os cercam, o homem é movido por um permanente anseio de transcendência, um desejo constitutivo de ir além da mera satisfação de necessidades orgânicas.

Essa peculiaridade ontológica faz com que o ser humano, reiteramos, diferentemente dos demais animais, não apenas “esteja” no mundo, mas aspire fundamentalmente a “estar bem” nele, o que significa criar para si mesmo necessidades que, para além do estritamente biológico, revelam-se absolutamente essenciais do ponto de vista de seu peculiar programa de existencialidade.

Não sem razão, para o filósofo, como as necessidades humanas são ilimitadamente variáveis, ressoa inútil ver na técnica uma entidade independente ou de direção única⁴³. Afinal, “não é o mesmo o mundo para um comerciante que para um poeta”⁴⁴. Nessa linha de raciocínio, o filósofo então invoca o que chama de “vida inventada”. No dizer do próprio Ortega y Gasset:

Temos, pois, que a técnica é, assim, o esforço para poupar esforço ou, em outras palavras, é o que fazemos para evitar por completo, ou em parte, as canseiras que a circunstância primariamente nos impõe. (...) Zoologicamente, vida significa tudo o que é preciso fazer para sustentar-se na natureza. Mas o homem ordena-as para reduzir ao mínimo essa vida, para não ter que fazer o que tem que fazer o animal. No vão que a superação de sua vida animal deixa,

⁴¹ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 21.

⁴² ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 21-22.

⁴³ CUPANI, Alberto. Filosofia da tecnologia: um convite. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017, p. 33.

⁴⁴ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 41.

dedica-se o homem a uma série de tarefas não biológicas, que não lhe são impostas pela natureza, que ele se inventa para si mesmo. E precisamente para essa vida inventada, inventada como se inventa um romance ou uma peça de teatro, é ao que o homem chama vida humana, bem-estar. A vida humana, pois, transcende da realidade natural; não lhe é dada como lhe é dado à pedra cair e ao animal o repertório rígido de seus atos orgânicos – comer, fugir, nidificar etc.⁴⁵.

Essa constatação conduz a uma extraordinária inversão conceitual, a demonstrar o brilhantismo do pensamento: o que tradicionalmente se considera “supérfluo”, no sentido de excessivo e desnecessário, é agora apontado pelo filósofo como precisamente o que define a própria humanidade do homem, constituindo sua mais profunda necessidade.

Por isso, para Ortega y Gasset, o homem, em sua essência, é um ser técnico justamente porque anseia não apenas sobreviver, mas viver bem, e esse bem-estar, longe de se confundir com o mero atendimento de necessidades biológicas, demanda a criação de um conjunto de artifícios e instrumentos que permita ao ser humano realizar seu projeto vital de transcendência.

Afinal, o homem é “um ente cujo ser consiste não no que já é, mas no que ainda não é; um ser que consiste em ainda não ser”, ou seja, “o homem não é uma coisa, mas uma pretensão; a pretensão de ser isto ou aquilo”⁴⁶.

Nesse sentido, pois, a técnica “denuncia” o próprio âmago do homem. E essa constatação, logo percebemos, afigura-se fundamental para se compreender a inadequação de qualquer constructo narrativo propagador de uma pretensa neutralidade tecnológica. Afinal, se a técnica serve a um projeto vital específico, a uma determinada concepção de bem-estar, ela necessariamente incorpora valores e visões de mundo. Por corolário, tem-se que não há técnica sem axiologia.

⁴⁵ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 33.

⁴⁶ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 39-40. Daí o porquê, ainda segundo o filósofo espanhol, o ser do homem ter “a estranha condição de que em parte resulta afim com a natureza, mas em outra parte não, que é ao mesmo tempo natural e sobrenatural, uma espécie de centauro ontológico, que meia porção dele está imersa, evidentemente, na natureza, mas a outra parte transcende dela” (ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 38).

A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana

Como destaca Ortega y Gasset, “o sentido e a causa da técnica estão fora dela; isto é, no emprego que dá o homem às energias disponíveis”. E arremata, com sua rotineira maestria: “A missão inicial da técnica é essa: dar franquia ao homem para poder dedicar-se a ser ele mesmo. (...) O programa vital é pré-técnico”⁴⁷.

Nada obstante a técnica constituir realidade intrínseca à realidade humana, Ortega y Gasset também foi suficientemente sensível para discernir os riscos e abusos advindos com o potencial aparentemente ilimitado da técnica na vida moderna, diante do qual “a natureza não é mais horizonte”, haja vista que “as coisas situadas no Céu e na Terra se tornaram flexíveis”⁴⁸. Com efeito, segundo o filósofo espanhol:

A técnica, ao aparecer por um lado como capacidade, em princípio ilimitada, faz que ao homem, posto a viver de fé na técnica e somente nela, fique com sua vida vazia. Porque ser técnico e somente técnico é poder ser tudo e, conseqüentemente, não ser nada determinado. Por ser plenitude de possibilidades, a técnica é mera forma oca – como a lógica mais formalista; é incapaz de determinar o conteúdo da vida. Por isso, estes anos em que vivemos, os mais intensamente técnicos que houve na história humana, são os mais vazios. (...) ... hoje, os supostos técnicos da vida superam gravemente os naturais, de sorte tal que materialmente o homem não pode viver sem a técnica a que chegou. (...) O homem de hoje (...) não pode escolher entre viver na natureza ou beneficiar essa sobrenatureza. Está já irremediavelmente preso a esta e colocado nela como o homem primitivo em seu contorno natural. E isto tem um risco dentre outros: como, ao abrir os olhos à existência, encontra-se o homem rodeado de uma quantidade fabulosa de objetos e procedimentos criados pela técnica que formam uma primeira paisagem artificial, tão espessa que oculta a natureza primária atrás dele, tenderá a acreditar que, como esta, tudo aquilo está aí por si mesmo (...). Isto é, pode chegar a perder a consciência das técnicas e das condições, por exemplo, morais em que esta se produz, voltando, como o primitivo, a não ver nelas senão dons naturais, que se têm desde logo e não reclamam esforçada manutenção⁴⁹.

⁴⁷ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 45-47.

⁴⁸ GALIMBERTI, Umberto. Psiche e Techne: o homem na idade da técnica. São Paulo: Paulus, 2006, p. 30.

⁴⁹ ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: LIAL, 1963, p. 84-85 e 87-89.

Decerto, a filosofia orteguiana, ao perscrutar a dimensão técnica da existência humana, permite-nos visualizar melhor quão falaciosa é a recorrente narrativa da neutralidade tecnológica. Ora, se a técnica é parte constitutiva do ser humano, se está intimamente ligada a um determinado projeto vital e a uma específica concepção de vida boa, seus constructos podem ser tudo, menos neutros. Pelo contrário, serão sempre cheios de intencionalidade e saturados de certos valores e propósitos.

Da mesma forma, a ideia orteguiana de “sobrenatureza” enquanto “espessa paisagem artificial que oculta a natureza primária” desde aqui já nos oportuniza refletirmos em que medida esses conjuntos técnicos criados pelo homem também não atuariam como significativos influenciadores de novos projetos vitais, “nos quais o homem pode se reinventar, renovando todos os seus desejos, motivado pelos mundos artificiais já criados”, de maneira que “a fonte de inspiração para a produção de novos mundos artificiais, bem como novos projetos de seres humanos, reside na realidade já modificada”⁵⁰.

E, como desdobramento natural, em que medida esse gigantismo da natureza artificial e essa aparente ilimitação da potencialidade técnica moderna são capazes de operar espantosa reviravolta na existencialidade humana⁵¹, a ponto da técnica, em algum ponto, ter se transformado de meio em fim, de modo que, “emancipando-se da condição de mero ‘instrumento’, dispõe da natureza como um fundo e do homem como um funcionário seu”⁵².

⁵⁰ LAWLER, Diego; SANDRONE, Dario. José Ortega y Gasset: cinco teses sobre a técnica. // OLIVEIRA, Joelson. Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas. Caxias do Sul, RS: EducS, 2020, p. 252 e nota de rodapé nº 14.

⁵¹ “... as fronteiras entre a ‘cidade’ e a ‘natureza’ foram obliteradas: a cidade dos homens, outrora um enclave dentro do mundo não humano, espalha-se sobre o todo da natureza terrestre e usurpa o seu lugar. A diferença entre o artificial e o natural desapareceu; o natural foi engolido pela esfera do artificial e ao mesmo tempo o artefato total, as obras do homem que operam nele e através dele, gera uma ‘natureza’ que lhe é própria, isto é, uma necessidade com a qual a liberdade humana tem de competir num sentido completamente novo” (JONAS, Hans. Ensaio filosófico: da crença antiga ao homem tecnológico. São Paulo: Paulus, 2017, p. 36).

⁵² GALIMBERTI, Umberto. Psiche e Techne: o homem na idade da técnica. São Paulo: Paulus, 2006, p. 13.

A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica
à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana

No contexto contemporâneo, essa não neutralidade da técnica manifesta-se de maneira particularmente evidente, por exemplo, no âmbito das plataformas digitais de trabalho, entes que passam bem longe de exprimir simples instrumentos de intermediação laboral; antes, pelo contrário, são agentes compromissados com certos valores e parâmetros morais, e, por isso, materializam *by design* visões particulares sobre o que deve ser o trabalho e como ele deve ser organizado, ou seja, desde a concepção de seu desenho e antes mesmo de qualquer uso prático, sendo que costumeiramente essa realidade tecnológica se apresenta como fonte de inspiração e referência técnica para novos desejos, desafios e projetos.

4. Convergências e divergências filosóficas

Analisando atentamente os textos e reflexões de ambos os filósofos, é possível identificar importantes pontos de convergência em suas abordagens sobre a técnica. Primeiramente, tanto Ortega y Gasset quanto Heidegger rejeitam a concepção meramente instrumental da técnica. Para ambos, seria extremamente redutor compreendê-la como simples conjunto de meios para fins dados. Ortega insiste que o fenômeno técnico não pode ser adequadamente compreendido se o reduzirmos à satisfação de necessidades naturais. Similarmente, Heidegger argumenta que a determinação instrumental da técnica, embora correta, não revela sua essência.

Um segundo ponto de convergência reside na compreensão de que a técnica não é neutra. Ortega demonstra isso ao evidenciar que a técnica revela sempre um programa vital, um projeto de ser específico. O repertório técnico de uma época ou cultura expressa determinada concepção do que significa bem-estar e vida boa. Heidegger, por sua vez, embora por caminho distinto, também rejeita a neutralidade da técnica, vendo nela um modo específico de desencobrimento que já traz consigo certa compreensão do ser.

Um terceiro aspecto comum é a percepção de que a técnica mantém relação essencial com a própria condição humana. Para Ortega, não há homem sem técnica, pois ela é constitutiva de seu ser extranatural. Para Heidegger, ainda que a técnica não seja uma criação humana, ela concerne essencialmente ao homem enquanto lugar onde se dá o desvelamento do ser.

Ambos também convergem ao apontar que a técnica não pode ser compreendida isoladamente, mas precisa ser pensada em horizonte mais amplo: para Ortega, no horizonte do projeto vital humano; para Heidegger, no horizonte da história do ser. Em ambos os casos, há clara recusa em tratar a técnica como fenômeno autônomo ou autoexplicativo.

Eis a razão pela qual também ambos manifestam profunda inquietação com os rumos da técnica moderna: Heidegger alerta para sua tendência de reduzir o mundo a mero depósito de recursos naturais disponíveis para exploração indiscriminada, enquanto Ortega adverte sobre os riscos de uma sociedade tecnificada, em que o homem, paradoxalmente, perde a consciência da própria técnica como construção humana e mergulha em completo vazio existencial por conta de viver movido somente pela “fé na técnica”.

Por outro lado, a divergência fundamental entre Heidegger e Ortega y Gasset no tocante à técnica reside em suas distintas concepções sobre a natureza e o papel desse fenômeno na existência humana.

Para Heidegger, a técnica constitui essencialmente um modo de desvelamento do ser, uma forma específica pela qual a verdade (*aletheia*) vem à luz. Nessa perspectiva, a técnica moderna representa uma perigosa degradação desse desvelamento original, pois reduz tudo à condição de “fundo de reserva” (Bestand) disponível para exploração, eclipsando outras formas mais originárias de manifestação do ser. Já para Ortega, a técnica é primariamente um instrumento de autocriação humana, um meio pelo qual o homem realiza seu projeto vital de bem-estar.

Essa diferença fundamental se reflete também em suas propostas: enquanto Heidegger advoga por um retorno a um pensamento mais originário e uma relação mais meditativa com a técnica, Ortega propõe uma conscientização do caráter instrumental da técnica – embora não neutro⁵³ –, que deve servir ao projeto vital

⁵³ Quanto à técnica, não se confunda *instrumentalidade* com *neutralidade*. A respeito, bastante elucidativa a lição de Tomás Melendo: “Opino que a técnica é instrumental, sim, mas positiva, porque expressa a constitutiva superioridade do homem em relação às realidades infrapessoais e porque representa um meio indispensável para melhorar as condições materiais que rodeiam a vida humana. Por isso, ainda que nem a técnica nem o desenvolvimento técnico científico sejam bens absolutos, encerram em si mesmos um autêntico valor afirmativo. Isto é certo. Mas, justamente porque não se

A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana humano sem jamais se converter em um fim em si. Em suma, se para Heidegger a questão da técnica é ontológica, para Ortega ela é antropológica. Embora partindo de horizontes filosóficos distintos, os escritos de Heidegger e Ortega y Gasset evidenciam a profundidade com que ambos os pensadores abordaram o fenômeno técnico, oferecendo importantes ferramentas conceituais para pensar nossa relação com a tecnologia ainda hoje, máxime quanto à sua insistente reivindicação cultural de neutralidade.

5. Conclusão

Ao final desta jornada filosófica, a tese da neutralidade tecnológica revela-se não apenas insustentável, mas como um mito que obscurece a verdadeira natureza da relação entre o ser humano e seus artefatos. As profundas reflexões de Martin Heidegger e José Ortega y Gasset, embora trilhando caminhos analíticos distintos, convergem para uma conclusão inelutável: a técnica jamais é um instrumento passivo; ela é uma força conformadora da realidade, saturada de intencionalidade e valores, que molda ativamente a nossa maneira de ser, perceber e habitar o mundo. A análise heideggeriana desvelou que a essência da técnica moderna, a *Gestell*, transcende a mera instrumentalidade. Ela se impõe como um modo específico e redutor de revelação do real, “enquadrando” a totalidade dos entes – inclusive o próprio homem – como um “fundo de reserva” disponível para cálculo e otimização. Sob essa ótica, a neutralidade é uma impossibilidade ontológica, pois a técnica moderna já é, em si mesma, uma cosmovisão que privilegia a eficiência e a exploração, em detrimento de outras formas mais autênticas de verdade e de existência. O perigo, como adverte Heidegger, não reside nos aparelhos, mas na ausência de reflexão sobre essa essência que nos compele e nos formata. Por sua vez, a perspectiva antropológica de Ortega y Gasset demonstrou que a técnica é uma dimensão constitutiva e indissociável da condição humana – o meio pelo qual o homem transcende suas limitações naturais para realizar um “projeto

trata de um fim radical, a bondade da técnica se converte em um antivalor na mesma medida em que não se subordina àquilo que naturalmente se encontra subordinada: o aperfeiçoamento da pessoa enquanto pessoa” (MELENDÓ, Tomás. *La dignidad del trabajo*. Madrid: RIALP, 1992, p. 154).

vital". Se a técnica é a produção daquilo que é "supérfluo", mas essencial para o "bem-estar", então ela está, por definição, atrelada a uma concepção específica de vida boa. Não há, portanto, técnica sem axiologia. Cada artefato, cada sistema técnico, "denuncia" uma escolha prévia sobre o que significa ser humano e qual existência vale a pena ser vivida, tornando a pretensa neutralidade uma falácia.

Portanto, as contribuições de Heidegger e Ortega y Gasset, articuladas, oferecem um poderoso antídoto contra a ingenuidade tecnológica. Elas nos compelem a abandonar a cômoda ilusão de que "armas não matam pessoas; pessoas matam pessoas", para reconhecer que um homem com uma arma é um ser ontologicamente transformado, cujas possibilidades de ação foram reconfiguradas pelo artefato. Em uma era dominada por algoritmos, inteligência artificial e plataformas digitais, compreender essa não neutralidade deixou de ser um mero exercício acadêmico para se tornar um imperativo ético e civilizatório. O verdadeiro desafio contemporâneo não é escolher como "usar" a tecnologia, mas refletir criticamente sobre como a tecnologia nos "usa", nos define e constrói o futuro da nossa humanidade.

Bibliografía

- AGUIAR, C. E. S. (2023). *Pensando a tecnologia: questões filosóficas, sociológicas e comunicacionais*. Paulus.
- CAVALLIER, F. (2002). Será que dominamos a técnica? En *As grandes noções da filosofia*. Instituto Piaget.
- CERBONE, D. R. (2014). *Fenomenologia* (3.ª ed.). Vozes.
- CHAMPLIN, R. N. (1991). *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* (Vol. 2). Hagnos.
- CUPANI, A. (2017). *Filosofia da tecnologia: um convite* (3.ª ed.). Editora da UFSC.
- DARTIGUES, A. (1973). *O que é a fenomenologia?* Eldorado.
- DREYFUS, H. (1976). *O que os computadores não podem fazer: uma crítica da razão artificial*. A Casa do Livro Eldorado.
- DUARTE-BORGES, I. (2020). Martin Heidegger: a técnica como Ge-stell. De facto antropológico a paradigma epocal da modernidade tardia. En J. Oliveira (Ed.), *Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas*. Educ.

- A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana
- FRAME, J. (2023). *História da filosofia e teologia ocidental*. Vida Nova.
- GALIMBERTI, U. (2006). *Psiche e Techne: o homem na idade da técnica*. Paulus.
- HEIDEGGER, M. (2001). *Serenidade*. Instituto Piaget.
- HEIDEGGER, M. (2012). *Ensaaios e conferências* (8.ª ed.). Vozes.
- HEIDEGGER, M. (2015). *Ser e tempo* (10.ª ed.). Vozes.
- JONAS, H. (2017). *Ensaaios filosóficos: da crença antiga ao homem tecnológico*. Paulus.
- LAWLER, D. y SANDRONE, D. (2020). José Ortega y Gasset: cinco teses sobre a técnica. En J. Oliveira (Ed.), *Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas*. Educs.
- LEWIS, C. S. (2005). *A abolição do homem*. Martins Fontes.
- MARANHÃO, N. (2025). *Neutralidade tecnológica e plataformas digitais de trabalho: uma investigação filosófica*. Editora Venturoli.
- MELENDI, T. (1992). *La dignidad del trabajo*. RIALP.
- ORTEGA Y GASSET, J. (1963). *Meditação da técnica*. LIAL.
- ORTEGA Y GASSET, J. (2019). *Meditações do Quixote*. Vide Editorial.
- REALE, M. (2002). *Filosofia do direito* (20.ª ed.). Saraiva.
- RÜDIGER, F. (2014). *Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem* (2.ª ed.). Sulina.
- STÖRIG, H. J. (2008). *História geral da filosofia*. Vozes.
- VERKERK, M. J., HOOGLAND, J., VAN DER STOEP, J. y DE VRIES, M. J. (2018). *Filosofia da tecnologia: uma introdução*. Ultimato.

Cómo citar: Maranhão, N. (2026). A relação Homem/Técnica e a questão da “neutralidade tecnológica”: uma crítica filosófica à luz das contribuições heideggeriana e orteguiana. *Revista Jurídica del Trabajo*, 7(19), 63–86.



Esta obra está bajo una licencia internacional [Creative Commons Atribución 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).